

O que eu, uma Luiza entre todas, 23 anos, artista na margem da sociedade, entre outras identidades, posso fazer pelo feminismo, pelo mundo? Talvez não muito a primeira vista, meus protestos individuais muitas vezes se esgotam em compartilhamentos e frases na rede.

A parte disso, o dia a dia é uma selva. As relações estão estranhas, distantes, agressivas, qualquer coisa, menos agradáveis e sinceras. E isso vai minando minha esperança.

Ainda bem, que não sou a única que se incomoda com isso. Por isso vejo uma explosão de manifestos, reivindicações, protestos, passeatas; vejo uma porção de pessoas que parecem estar abrindo os olhos para o descaso, desprezo, desrespeito, com que o mundo e nossas vidas foram e são levadas. E é MUITA gente querendo que o mundo melhore, dizendo, que querem transformar a sociedade. É isso que mantém uma chama de esperança acesa.

Ainda assim, me deprimos. É que não acredito em revolução social, sem revolução pessoal, uma sem a outra não funciona.

Nós somos programadas para vencer e sermos boas. Superando nossos limites sempre. E a competição, mesmo que silenciada pelos discursos de igualdade, ficou guardada na nossa bagagem psico-físico-sensorial, não tem como negar. Não tem como negar que nas nossas relações diárias, adoramos afirmar e defender nossas idéias. Adoramos saber que somos importantes. Não há nada de tão errado nisso, afinal o que é errado? O problema a meu ver, é que muitas e muitas vezes nesse nosso mundo de pessoas empenhadas com as mazelas da vida, o tempo escorre veloz entre as relações. Temos muitas funções, muitas ações diárias, porque temos que dar conta de todas as coisas(e temos porque escolhemos ter).

Sendo assim, temos que organizar nossas ações e funções, nos preparando para executar cada uma delas com o máximo de qualidade possível. E nessa correria diária, fica mais fácil ter já interiorizado, mais ou menos preparado, meio que já ensaiada, a maneira como vamos nos relacionar com as pessoas durante a execução das tarefas. Acaba que ficamos enquadradas em algumas poucas identidades e formas/normas/modelos de conduta para com o outro. Acaba que utilizamos uma cartilha de costumes sim, sejam eles bons ou ruins.

Acredito que não temos o hábito de realmente 'viver' com os outros - quase não compartilhamos suores e sorrisos, não nos habituamos a olhar nos olhos, viver os silêncios, e dizer apenas o imprescindível. Nos transformamos em talking heads! Cabeças falantes, cabeças pensantes, cabeças apenas. E o resto? Ficou reservado para uso apenas na execução de atividades primitivas ou, algumas horas dos exercícios físicos disponíveis na nossa cartilha. O corpo foi quase desconsiderado. Mas é justamente ele que é discriminado, é o primeiro a qualificar o status, o primeiro a segregar os humanos. E é através dele, nele, ele, ou seja, nós em pleno uso das nossas potencialidades e capacidades humanas, que podemos transformar alguma coisa.

Quantas vezes por dia você percebe sua respiração? O automatismo da "correria diária" faz com que tanta coisa passe despercebida. Na maioria das vezes, nem sequer notamos os olhares que entregamos e recebemos, por vezes violentos, adjetivando, classificando, julgando o outro. E quando notamos, quase sempre deixamos pra lá, porque... "é assim mesmo que acontece." Tenho saudade do tempo das cartas, as relações eram menos superficiais e mais construtivas. A cibernética high-tech tecnológica atual de fato melhorou muito, contribuiu, revolucionou, mas suspeito de que perdemos em qualidade. Quando escrevo uma carta penso mais em mim, penso mais no outro.

Como diminuir essa distância? Se não existe tempo, então que criemos o tempo, como disse Klauss Vianna, um homem que disse coisas interessantes sobre o corpo, "é preciso dar espaço, um espaço novo em mim para que surjam coisas novas. Diz a lenda que um sábio ocidental foi visitar um mestre oriental e quis saber o que ainda teria de aprender. O oriental, então, pegou uma xícara de chá e começou a encher, encher, encher, e disse: "Você já chegou com a xícara cheia. Que mais posso oferecer?" É isso: precisamos esvaziar a xícara.", e precisamos não ter medo do vazio de encontrar um outro ser humano sem impor ou julgar uma forma de ser. É preciso darmos tempo para nossa relação acontecer, sem temer o que ela pode vir a ser. Como diria Anzaldúa: "mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo".

Não sei se entendi bem o que é o feminismo. Será que sou feminista, mulherista? Sei, que esse mundo ancorado no patriarcalismo e machismo

limitou as nossas possibilidades vitais. Ora, a questão é simples, quase matemática! Se os homens são os mais importantes seres, a sociedade vai se moldando para melhor satisfazer as necessidades deles, do corpo deles. É a partir da maneira que eles pensam, agem e se relacionam que o mundo vai se moldando, e certamente, isso absolutamente não nos contempla. As mulheres tem fama de serem sensíveis... poxa, que bom seria se as cidades fossem governadas com sensibilidade. Nós mulheres, com nossas cores, nossos corpos, nossas sexualidades, nosso 'sexto sentido', somos a via de mudança, a esperança, a chance de construir homens mais humanos. Mas acredito que o feminismo não seja uma guerra contra os homens, e sim uma luta em favor de todas as pessoas, em prol do mundo.

E para mudar o mundo, mudo primeiro eu mesma, assumo meu fascismo, me renovo todo dia porque não somos seres estanques, e depois, mudo o outro, tocando-o no corpo. Nós precisamos assumir nosso lugar de super-heroínas no mundo, de escritoras, filósofas, comerciantes, empresárias... e espalhar nosso "mel", nossa sensibilidade, se é isso, também, que temos. Nós precisamos aprender a dizer não aos homens e mulheres machistas, fascistas que querem impor seu poder, e ganhar mais poder. Precisamos cavar nossos espaços. Precisamos escolher fazer diferente.

A minha luta política diária é essa: luto para me transformar, e através disso modificar quem eu me relaciono. É lindo, mas claro que não consigo todos os dias. Mudar as coisas é questão de prática, tem que exercitar.

E a consciência de si para mim, é o início da transformação. Quem se conhece se respeita e sabe de suas paixões. E são as paixões que movimentam o mundo. Eu, parafraseando uma amiga, "sou uma mulher que precisa estar apaixonada para sair da cama". E me apaixono primeiro pelas infinitas possibilidades de estar no mundo, em relação com o que é vivo, me apaixono pela liberdade que vou conquistando, e se não a tenho, pela vontade de ter.

Me apaixonei por esse curso. E fiquei me questionando: mas o que é que me faz gostar de vir aqui? Percebi que era a forma com que fomos tratadas. Eu vi o tal do "fazer a coisa ser diferente" em funcionamento. Durante alguns dias, nós, pessoas completamente diferentes e desconhecidas, nos olhamos olho com olho, nos abraçamos, nos tocamos, nos dizemos bom dias

diferentes, inusitados, fizemos a relação acontecer fugindo daquela cartilha. Quando fecho os olhos buscando na memória o que vivemos, vejo que ficaram em mim olhares e sorrisos (ou a falta deles). Me apaixonei pelo cuidado, zelo, carinho que atravessou nossas relações, chegava a sentir um friozinho na barriga de coisa boa acontecendo.

Mas será que é preciso um curso para que o olhar da Divina me toque? Quantos cursos terei de fazer para me alimentar de relações gostosas?

Termino com Anzaldúa novamente, pelos silêncios, pelos nossos corpos que estão escondidos, pelas paixões que precisam ser despertadas, por nós, por todas:

"Muitos que têm palavras e língua, não têm ouvidos. Não podem ouvir e não saberão. Não há necessidade de que as palavras infestem nossas mentes. Elas germinam na boca aberta de uma criança descalça no meio das massas inquietas. Elas murcham nas torres de marfim e nas salas de aula. Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas

vozes. Ponham suas tripas no papel.
Não estamos reconciliadas com o
opressor que afia seu grito em nosso pesar.
Não estamos reconciliadas.
Encontrem a musa dentro de vocês.
Desenterrem a voz que está soterrada em
vocês. Não a falsifiquem, não tentem
vendê-la por alguns aplausos ou para
terem seus nomes impressos."

Texto de Luiza Camilo